

**Do até que a Morte nos Separe ao Amor Líquido via Tinder**  
***From until Our Separation by Death to the Liquid Love by Tinder***

Suely Engelhard<sup>1</sup>

**Resumo**

*Breve reflexão sobre como o espírito de época interfere e atualiza as relações afetivas entre os parceiros que se buscam impulsionados pelas regras, mitos e lemas familiares próprios.*

*Como na relação casal além de se buscar abranger os triângulos interconexos que atuam na escolha “sempre certa” do parceiro, atualizar um olhar abrangente sobre como as modificações sociais, que o espírito de época influencia e faz acontecer, participa dessa escolha e de sua função na família.*

**Palavras chaves:** *espírito de época; triângulos interconectados; escolha do parceiro; regras, mitos e lemas.*

**Abstract**

*Brief reflection on how the spirit of the time interferes and updates the emotional relationships between the partners seek driven by the rules, myths and family own slogans.*

*As the couple relationship and seek cover interconnected triangles that act in choosing "always right" partner, update a comprehensive look on how social changes, the spirit of time influences and makes it happen, participates in this choice and your role in the family.*

**Key words:** *spirit of the time; interconnected triangles; choice of partner; rules, myths and slogans.*

**A Pós- Modernidade e o atual espírito de época**

O momento atual que vivemos foi catalogado por Zygmunt Bauman como um tempo de emoções líquidas que escorrem entre os dedos das mãos de quem tenta retê-las. Na tentativa do humano de “ter” em detrimento de “ser” o objetivo vital idealizado é o de coletar o maior número

---

<sup>1</sup> Psicóloga, analista junguiana, membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA) e da International Association for Analytical Psychology (IAAP), fundadora, docente e supervisora do Instituto Formador Centro de Atendimento e Aperfeiçoamento em Psicologia (CAAPSY) em Niterói, RJ e Natal, RN, terapeuta de família e casal (formação Núcleo Pesquisas), associada titular da Associação de Terapia Familiar do Rio de Janeiro (ATF-RJ). suelyengelhard@gmail.com

possível de vivências afetivas relacionais, breves e rasas, descartáveis e descontinuadas, já que algo novo tem que ser imediatamente alcançado. E com isso vai se passando pela vida, sem profundidade e sagacidade e se é devorado pelo tempo, o antigo deus grego Chronos, pai de segunda geração divina, devorador de seus filhos por temer ser destronado e perder seu poder de liderança.

Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês, professor de filosofia das universidades de Leeds e Varsóvia, diz que nos tempos atuais, as relações entre os indivíduos nas sociedades tendem a ser menos frequentes e menos duradouras e passam a ser um acúmulo de experiências. Desaparece o conceito de união e com isso a insegurança seria parte estrutural do sujeito pós-moderno. Em suas obras *Amor Líquido* (2004) e *Medo Líquido* (2006), isso está expresso em excelente reflexão sobre o espírito de tempo atual, onde a fragilidade dos vínculos e a insegurança das relações leva a vivências de relações conflitantes: laços ao mesmo tempo apertados e frouxos.

Bauman pode ser visto como uma pessoa pessimista, o que é frequente, pois, diferente dos que se empenham em exaltar as virtudes do capitalismo, ele consegue expor através de seu olhar crítico à pós-modernidade seu lado cruel, seu aspecto sombrio, desumano e avassalador que corrói e devora o homem atual, quando esse fica preso na ciranda labiríntica do ter, adquirir e viver para conquistar cada vez mais o espírito de época atual, onde o presente não é vivido em detrimento de um futuro que sequer sabemos se irá chegar.

Esse é um conceito introduzido por Jung (1971) para falar de acontecimentos que ocorrem na humanidade e que revelam uma atitude emocional que se expande e ramifica através dos indivíduos, demonstrando a existência de um campo invisível que unifica as relações em seu curso vital. Segundo ele, toda nova ideia não surge do nada. É sim o resultado de um emaranhado de objetivos enraizados, dentro do qual o homem contemporâneo, tenha ele consciência ou não desses fatos, está ligado de maneira absolutamente íntima.

No mundo moderno a ideia de um casal que ao se escolher permaneceria junto até que a morte os separasse atendia as formas nas quais aquela época tendia a vivenciar uma atitude relacional. Ademais, o tempo de vida era muito mais breve do que hoje temos como média de vida. Mesmo assim, alguns seres humanos não conseguiam se adaptar a essa tendência geral. Esses são seres que se encontram em exclusão, se destacando por não seguirem o todo social, sendo os primeiros a irem à busca de um processo criativo que os ajude a seguir seu diferente fluxo existencial. Eles continuamente trabalham “na educação do espírito da época” (Jung, 1971 OC XV § 130), em sua busca de estabelecer com clareza as formas que aquele tempo histórico precisa encontrar para se renovar.

Apesar de parecer que estariam criando algo novo e absolutamente por “desejo” e “liberdade” própria total, na verdade estão sendo conduzidos pelo que Jung denomina de “uma corrente invisível” (Jung, 1971 OC XV §113). Dessa forma temos a atitude consciente influenciada pelo inconsciente visto esse ser comum a todo ser humano e ter como objetivo fazer-se consciente. Tal como o que ocorre

com “uma árvore no solo do qual extrai seu alimento” (Jung, 1971 OC XV §115), é dele que brota o impulso criativo.

Há em todos os humanos a possibilidade inata de ideias ocorrerem, determinando limites e categorias à criatividade. “Elas aparecem na matéria formada como princípios reguladores de sua formação; somente por conclusão, conseguiremos reconstruir o projeto primitivo da imagem primordial”. (Jung, 1971 OC XV § 126)

A humanidade, a macro família humana, contém essas imagens primordiais, míticas, resultantes de “inúmeras experiências típicas de toda uma genealogia, (e assim descrevem) a média de milhões de experiências individuais apresentando, dessa maneira, uma imagem da vida psíquica dividida e projetada nas diversas formas de pandemônio mitológico. [...] Cada uma dessas imagens contém um pouco de psicologia e destino humanos, um pouco de dor e prazer repetidos inúmeras vezes na nossa genealogia, seguindo em média também a evolução” (Jung, 1971 OC XV §127).

No momento em que uma vivência mitológica ocorre há forte intensidade emocional. Nessa ocasião o ser humano deixa de se sentir como um indivíduo e passa a se reconhecer como componente de uma espécie, como membro da grande família humana; é como se nele e através dele “a voz de toda a humanidade ressoasse” (Jung, 1971 OC XV §128).

### **O micro sistema familiar**

Nele vamos ver esses mesmos fenômenos que ocorrem na humanidade se propagarem através das relações intergeracionais. Na procura de se manter leal e seguidor das regras familiares, o indivíduo quando busca seu parceiro relacional, não se percebe direcionado por invisíveis triangulações interconectadas, que só serão passíveis de reconhecimento quando a emoção as aciona e torna os triângulos relacionais ativos.

O que são as Regras Familiares? São as configurações transacionais, nem sempre conscientes, que regulam os comportamentos dos integrantes de uma família, mantidas por dois sistemas de vinculação:

- 1 - um de ordem geral, que tem leis universais que regem a organização familiar, e trata das interdependências ou define as formas hierárquicas, e
- 2- outro de caráter específico, que reúne as expectativas recíprocas entre os membros da família.

Já os Triângulos são o bloco central do sistema de relacionamentos. Todos os relacionamentos virtualmente importantes entre as pessoas são encobertos por uma terceira – um parente, um amigo ou até mesmo uma ideia ou lembrança. Virginia Satir fala do triângulo primário formado pelos pais e o filho e que para ela é aí que se tem o berço da autoestima do eu (Satir, 1987a). Os triângulos são dinâmicos e se formam para dar vazão à tensão que ocorre em uma díade. Muitos triângulos podem

---

se tornar desvios crônicos e assim destruir os relacionamentos familiares.

O conceito de Triangulação Trigeracional, introduzido por Murray Bowen (1991), descreve ser a triangulação um movimento natural para desfazer a tensão desagradável que o stress causa nos relacionamentos. Ela diminui a tensão, mas congela o conflito e não o resolve. Onde existe a fofoca, numa família ou num grupo, estamos frente à triangulação. Muitas formas de triangulação parecem tão inocentes que nem se percebe seu poder de destruição.

Além desses dois fenômenos que nos guiam temos também os Mitos Familiares, que transcendem gerações, e que nos conduzem de forma sutil. Os mitos familiares se constroem nas famílias no decurso de inúmeras gerações e têm a mesma finalidade dos mitos que existem e se formam nas diferentes culturas humanas.

### **O que é o mito? Para que serve?**

Na macro família humana vemos que o mito é comum a todas as culturas como forma primordial de explicar a realidade de ser e estar no mundo.

Segundo Alvarenga (2007) Joseph Campbell diz que o mito tradicional cumpre quatro funções:

- 1) harmoniza a consciência com sua existência através de: exteriorização, interiorização ou correção de algo (que Alvarenga coloca como função religiosa);
- 2) é interpretativa, apresentando uma imagem consistente da ordem do Universo (segundo Alvarenga função lógica);
- 3) valida e dá respaldo a uma ordem moral da sociedade (segundo Alvarenga função ética);
- 4) ajuda as pessoas a compreender o desdobramento da vida com integridade (segundo Alvarenga função estruturante).

Já que o ser humano não tem um entendimento lógico do mundo, o mito é um meio de comunicação, uma linguagem que busca explicar o mundo e tudo o que o compõe, através de suas alegorias. No mito está contida a dimensão simbólica, sendo uma antítese do relato, da crônica e permite traduzir a realidade do psiquismo humano. Nele o ato criativo, fantástico, lida e procura explicar todos os temas comuns ao existir.

Em todos os povos todas as realidades primordiais estão presentes, o que reafirma e fundamenta o conceito de inconsciente coletivo de Jung. Segundo ele, todo ser compartilha estruturas fixas, denominadas arquétipos (tipos primordiais) que, como parte da psique humana, evoluiu da mesma forma que nosso corpo.

Nas mais diversas épocas e culturas humanas o mito se compõe de um conjunto de histórias contadas de geração em geração, que explicam como o mundo se fez e como tudo aconteceu, dando sentido a um conjunto de fatos ambíguos e por vezes vazios e assustadores, traduzindo o entendimento

dos povos que criaram essas histórias.

Barthes coloca que o mito “é um modo de significação e, assim sendo, não pode ser definido pelo objeto de sua mensagem. É preciso olhar atentamente para a maneira como ele o profere”. (Barthes In Brandão Vol I, 1986, p 36).

Junito Brandão em suas aulas dizia: “Quando eu conheço o mito, eu conheço o segredo das coisas”.

Dentro da humanidade o mito só pode ser vivido em cerimônias que reproduzem como tudo acontecia nos tempos primordiais, como ocorreu no princípio dos tempos. O mito vivo é aquele que não se fecha em uma solução única, mas que ao ser relatado é dito ao final: contam que se deu isso e isso, mas há outra versão que fala de outros finais, que se deu isso e aquilo. O rito faz ocorrer a vivência de participação mítica: acontecer no aqui e agora o relatado in illo tempore. O rito, assim, permite ao iniciado viver o fenômeno como se fora a primeira vez.

O tempo vivido no rito é um tempo sagrado: o evocado deixa de ser passado e se torna realidade no aqui e agora, no tempo presente, no tempo circular. Esse tempo, o passado presentificado, pode integrar à consciência vivências transformadoras, pois ao modificar o passado, se entra na reversibilidade do tempo e se recria, simbolicamente, o mundo. Estabelece-se assim a compreensão simbólica do fato que é renascido como memória.

Se na humanidade isso se dá, o mesmo acontece na micro família humana. Como Andolfi e Angelo dizem: uma criança capaz de simbolizar (por exemplo, usando fantoches para substituir os pais ausentes) constrói seus “mitos” pessoais, que são o resultado da interação com aqueles que o ambiente lhe transmitiu ou tenta transmitir-lhe.[...] Mito individual e mito familiar estão estreitamente interligados e se desenvolvem ao mesmo tempo. (Andolfi e Angelo, 1988, p. 78)

É através da Lealdade Familiar, conceito formulado por Boszormenyi-Nagy e Spark (1973 In Andolfi e Angelo, 1988), que os fios da preservação da existência familiar são cultivados. Essa lealdade demonstra a expectativa de que por esses “fios invisíveis e resistentes” os fragmentos da unidade relacional mantenham esse sistema familiar baseado no reconhecimento de valor adquirido pelos seus membros.

Junto a esse conceito temos também o conceito de Delegação, ampliado por Stierling (1978 In Andolfi e Angelo, 1988), no qual os membros de um sistema familiar teriam uma noção mais ou menos consciente de portarem funções e expectativas a serem cumpridas, motivadas por sua família de origem. Assim o mito individual só aparentemente é individual, pois na verdade ele está influenciado pelas regras, lealdades invisíveis e delegação bem como pelo mito familiar. Ambos os mitos influenciam-se um ao outro e ambos influenciam e são influenciados pelos mitos daquela cultura, dentro daquele tempo histórico.

O mito familiar é uma estrutura que se constrói e se modifica com o tempo, onde co-

existem elementos de realidade e fantasia, para juntos construir uma realidade adequada a suprir determinadas necessidades afetivas do sistema familiar.

“O mito “original” adquire sentido apenas à luz do que acontece agora e do seu entrelaçamento com mitos individuais dos vários componentes da família e de sua postura num relato que os precede” (Andolfi e Angelo, 1988, p. 82). Assim, ele necessita de um antes e um depois. Situa-se numa série de evoluções contínuas, num processo de natureza circular e serve à família de acordo com sua realidade, atendendo a sua evolução, preservação e transformação. Por isso a função do mito não se restringe a ser apenas homeostática.

Enquanto o mito individual fala das relações no aqui e agora – corte horizontal – o mito familiar fala da expressão trigeracional do sistema – corte longitudinal. E ambos são tocados e tocam nos mitos daquela cultura. E através desse entrelaçado de fios invisíveis somos guiados para criar nossa concepção de mundo familiar. E aí se dá, segundo Kron Paccola, M (1994) o aparecimento do que chamamos de realidade familiar e do mapa individual.

Como todas essas variáveis interferem e atuam sobre o indivíduo num campo vibracional relacional invisível cabe perguntar: *Como se dão as escolhas afetivas do homem pós-moderno? Como o terapeuta amplifica sua lente e os resultados obtidos?*

A imaginação está enraizada no corpo, e é nele que experimentamos a dimensão somática do mito. Keleman (2001) define que é a partir do nosso código genético (o grande coletivo humano) que nossa identidade básica surge e também o modo expressivo único de responder aos desafios da vida. “Os mitos são scripts das formas genéticas em linguagem social”. (Keleman, 2001, p.26)

Estar vivo é estar em um corpo ao qual diariamente devemos agradecer e cuidar. Só amo e sinto, vejo e olho, escuto e distingo cheiros e paladares porque tenho um corpo saudável e vivo. Segundo esse autor “a imagem mítica é indissociável da realidade somática” (Keleman, 2001, p. 25) e é através dela que o corpo fala a si mesmo a seu respeito.

Antonio Damásio (1996), em seu livro *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*, diz que a colocação da citação criada por Descartes deveria ser ao contrário: *Existo, logo penso*. É a experiência do existir que nos dá uma vida histórica, com presente, passado e um futuro a vir a ser. Segundo Keleman (2001) a percepção da nossa continuidade, subjetivamente como processo corporal, é muito semelhante ao sonho e aos estados poéticos que formam os mitos. “O cérebro cria o tempo linear e objetiva eventos”. (Keleman, 2001, p. 27)

A realidade criada pelo homem, o animal *symbolicum*, segundo Cassirer, se baseia nas conjugações do sensível e do intelectual, expressas nas manifestações culturais, para atingir, por meio delas, sua tão almejada liberdade. (Cassirer <https://jus.com.br/artigos/37457/introducao-a-filosofia-das-formas-simbolicas-de-ernst-cassirer>).

É uma realidade de organização viva, móvel, que se por um lado cria uma cosmologia, por

outro fala dos diferentes desafios e afazeres que desafiam os humanos nas diferentes etapas do ciclo vital do ser. Essa ordem social fala e insere o indivíduo nos diversos papéis familiares e lhe possibilita lidar e ordenar as grandes experiências vitais como lealdade, morte e nascimento, sexualidade e identidade de gênero.

Nosso corpo é uma fonte de conhecimento. As experiências corporais nos fazem intuir algo a partir do interior dele, o que nos permite concluir que “a mitologia está estruturada nas células”. (Keleman, 2001, p. 29), sendo sua função colocar as histórias em experiências, moldando os indivíduos, através da habilidade de narrarmos essas experiências primárias em forma de histórias que nos moldam.

Segundo Campbell os contatos econômicos e sociais de nossa vida atualmente mudam tão depressa que nada tem estabilidade e tudo há que se fazer sozinho. O desafio é você “irromper esse campo não- interpretado para descobrir a própria interpretação mítica” (Campbell In Keleman, 2001). Isso não é algo fácil, mas que é possível se dar conta.

Se me deixo contaminar como o coelho de Alice no País das Maravilhas por esse ‘tempo que voa’, me torno submetido às regras e demandas do todo atual, sem tempo para ser. Passa-se a não se viver realmente. O tempo nos é roubado com nossa aceitação e convivência. Somos por ele engolidos sobrando um grande vazio existencial e a incapacidade de reter na vivência de ser nosso encontro afetivo.

Por esse consentimento dado se tem roubado pelo tempo, grau e valores afetivos. Passa-se então a se aceitar migalhas relacionais, o que leva a se partir à busca do acúmulo de breves histórias de amor, “drogas, sexo e rock and roll”. Tudo escorre por entre os dedos. Colecionam-se abusos e desrespeitos a si próprio. No tinder caçam-se soluções mágicas e encontra-se um amplo universo de indivíduos robotizados, que mesmo em busca do relacionar-se temem que isso lhes trouxesse aprisionamento e tensão pois se julgam incapazes de suportar. Essa ambivalência desgasta a energia psíquica e causa muita neurose e depressão.

Se não buscar se ter diferenciação e consciência de que a experiência do viver só é possível se a corporificamos, espírito de época nos arrebatada e se é levado sem reflexão, se liquefazendo as vivências e a história humana.

A escolha “sempre certa” do parceiro está revestida por todas essas camadas de fios invisíveis que a orientam e conduzem: os mitos da macro família humana, que reverberam e trocam energia com os mitos da micro família pessoal, sintonizados por sua vez com os mitos individuais, as vivências triggeracionais, regras e triângulos interconectados e triangulações funcionais. O ser humano é como um boneco de marionete, e o que é possível fazer para se ter noção de self pessoal é buscar se conhecer, se diferenciar e saber interagir com criatividade e consciência, com e através desses inúmeros fios invisíveis.

Cabe ao terapeuta familiar e de casal ampliar sua lente de abrangência diagnóstica ao acolher o

---

casal que chega a seu consultório e que normalmente se encontra em flagelo emocional: desconfigurado, fragilizado e sem energia criativa disponível. Essa ampliação do foco, para além dos fatos narrados, possibilita ao terapeuta ajudar os indivíduos, que compõem o casal, a compreender a simbólica que os oprime e comprime. A refletir para além de suas histórias familiares, e se reconhecerem aprisionados às exigências do tempo social que vivem (no momento a pós-modernidade), presos nessa inquietação constante onde o ter, o adquirir sem motivo, o acumular amores rasos e fugazes se sobrepõe ao ser, ao suportar as experiências, na maior parte das vezes dolorosas, de aprofundar a compreensão pela diferença que o outro traz. E, portanto, entender e resilientemente suplantar e integrar criativamente o que possa estar provocando tensão e combustão emocional.

Normalmente o casal se apresenta vítima de um grande abandono relacional. Se o casal em questão tem filhos, associa-se aqui o papel parental, que costuma ser mais um sufocador da dialética do casal e de seu campo interativo. Associando-se a isso o fato de que a sociedade atual leva o indivíduo a acreditar que pode ser tudo que quiser ser, com um domínio da mente sobre a totalidade corporal. E isso é um grande engodo. Importa reconhecer a limitação da qual o ser humano é portador. O Édem já foi perdido há muito...

O consumo regido pelo capitalismo perverso e exigido pelos tempos atuais, tudo tem que ser adquirido compulsivamente e rapidamente descartado, tornam esses adultos prisioneiros do imediatismo, do consumo sem consciência, da escravidão ao trabalho ou até mesmo da submissão ao esporte opressor. Falta tempo para o ócio e o lazer, sem gastos abusivos de tempo, de dinheiro e de energia vital. E é nesse viés que as relações afetivas se tornam fugazes e tóxicas. Para isso não se dar é preciso que os fios que conduzem a vivência do ser sejam reconhecidos e reflexivamente criticados e negociados.

Essas amplificações constitucionais na terapia ajudam àqueles que ali estão em sofrimento a objetivar um processo resiliente. Essa terra devastada que nos chega ao consultório pode ser adubada e renovada para o plantio de novos valores e criações imagéticas que restaurem a energia criativa, pois a que vive se encontra funcionando para manter o sistema em ação, mas paralisado, e dando voltas em torno de um mesmo tema, muitas vezes através de gerações sucessivas, descartando situações amorosas que poderiam levar a vidas muito produtivas, na espera de um futuro mágico, fantasiado, a ser conquistado, e que nunca chega.

Temos que reativar nos indivíduos a percepção de suas respostas somáticas, o que ativa a capacidade de imaginação e, deste modo, a informação se redefine, e tirá-los de sua vivência sustentada por imagens descorporificadas e vazias que apenas atendem a inserção sócio-cultural: que gostem deles, que os valorizem etc. e onde as reflexões científicas são o único e principal condutor de suas identidades. Têm que deixar de ser e agir como esse tipo de homem ou esse tipo de mulher, e se tornarem íntimos de quem realmente são, não se confundindo com uma imagem do que imaginam

ser. Portanto, viver através de imagens que estejam enraizadas em suas emoções corporais e que estão radicadas e aprofundadas em seu próprio self. Só assim a absorção por essas vivências líquidas e fugazes sofrerão um olhar crítico e relações duradouras, com todo trabalho que exigem, serão mais fáceis de serem estabelecidas.

Como sinalizou Abraham Maslow o grande perigo se encontra em se viver para ganhos que verdadeiramente não representam o indivíduo: a sobrevivência, a segurança, o prestígio, as relações sociais, o desenvolvimento da identidade egóica (Maslow, In Keleman, 2001 pg 64). Isso se aproxima muito do narcisismo e da vaidade: o pecado que o diabo mais gosta.

É no processo terapêutico que se ativa a compaixão, o poder divino dentro de cada um para além dos limitantes pensamentos egóicos. Passa-se a usar a si mesmo de forma diferente, se fica mais compreensivo, terno e empático com o outro, na medida em que o mesmo se faz consigo próprio. Dessa maneira resiliente se cria um novo formato de transcender o efêmero relacional dos tempos pós- modernos. O indivíduo ao reconhecer o ritmo próprio que o organiza, terá maior clareza de sua verdadeira identidade e novos papéis então serão assumidos, começando uma nova forma de estar no mundo.

Segundo Von Bertalanfy (2008), estamos buscando outra perspectiva básica - o mundo como organização. Isso seria alterar profundamente as categorias de nosso pensamento e influenciar nossas atitudes práticas. Devemos vislumbrar a biosfera como um todo, com mútuo reforço ou com mútua interdependência destrutiva. (<https://citacoes.in/citacoes/1845133-ludwig-von-bertalanffy>)

A partir dessa nova perspectiva o ser humano passa a ser visto de outra maneira. Surge um novo homem que é então considerado como um sistema primordialmente ativo não só quanto ao seu comportamento, mas também em relação ao conhecimento. Experiências, atitudes e vivências anteriores criam seu universo próprio, edificando um mundo a partir da criação simbólica. Criar símbolos é a principal atividade humana, não podendo o ser humano viver sem promulgá-los.

Nessas expressões simbólicas se reconhece a especificidade da cultura daquele povo, naquele tempo histórico, e que sempre versam sobre temas únicos: a cosmovisão, o surgimento da vida, seu desenvolvimento e etapas vivenciais, o ato de seus heróis com suas conquistas e fracassos, as escolhas amorosas, o envelhecimento e a última grande transformação: a jornada final, o morrer.

No processo de ser e estar transcendente ao efêmero relacional, os indivíduos, como são diferentes uns dos outros, falando especificamente como é impossível se ser igual a qualquer um em sua individualidade, se tornam capazes de pertencer ao seu universo familiar, de constituir e construir dentro dele sua singularidade única, manobrando os fios invisíveis com destreza, delicadeza e de modo inusitado, deixando de ser um replicante de emoções, para ser um representante único delas.

E aí a liquidez moderna se transformará numa coagulação sólida e duradoura dos relacionamentos amorosos, e o indivíduo amadurecendo para suportar e vencer as frustrações

e variações que no viver em casal se dá, podendo ter seu corpo marcado na velhice pelos ventos tormentosos e amenos do enamorar-se.

### Referências Bibliográficas

- Andolfi, M. & Angelo, C. (1988) *Tempo e mito em psicoterapia familiar* Porto Alegre: Artes Médicas.
- Alvarenga, M. Z. et cols ( 2007) *Mitologia simbólica* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bowen, M. (1991) *De la familia al individuo la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*.  
Barcelona: Paidós.
- Brandão, J. (1986) *Mitologia grega Vol I* Petrópolis: Vozes
- Cassirer, E. (2011) *Introdução à filosofia das formas simbólicas* Retirado em 01/07/2019, <https://jus.com.br/artigos/37457> .
- Damásio, A. (1996) *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano* Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Jung, C. G. (1971) *O espírito na arte e na ciência OC XV* Petrópolis: Vozes.
- Keleman, S. (2001) *Mito e corpo: uma conversa com Joseph Campbell* (3ª ed.) São Paulo: Summus.
- Krom, M. (2000) *Família e mitos: prevenção e terapia: resgatando histórias* São Paulo: Summus.
- Krom Paccola, M. (1994) *Leitura e diferenciação do mito familiar. Histórias de adolescentes com problemas* São Paulo: Summus.
- Satir, V. (1987a) The therapist's story In Baldwin, M e Satir, V (eds) *The use of the self in therapy* (pg 17-23) Nova York, Hamorth Press.
- Von Bertalanffy, L. Citações in <https://citacoes.in/citacoes/1845133-ludwig-von-bertalanffy>. Acessado em 30/06/2019.